



O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

150 anos da 1ª Batalha de Tuiuti - 400 anos da fundação de Belém do Pará

ANO 2016

Setembro

Nº 185

A BATALHA DE CURUPAYTY O desastre aliado na Guerra da Tríplice Aliança

Parte III

José Bernardino Borman nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, em 4 de maio de 1844. Mãe gaúcha e pai, Wilhelm, de origem alemã. Lutou na Guerra do Paraguai como alferes do 5º Batalhão de Voluntários da Pátria. Foi Ministro da Guerra na primeira década do século XX.

Em 1897 lançou a obra “História da Guerra do Paraguai” (Curitiba: Editores Jesuino Lopes - Imprensa Paranaense, 346 páginas). É Patrono de Cadeira na FAHIMTB, cujo detentor é o Gen Luiz Carlos Rodrigues Padilha.

Este é o seu depoimento sobre a derrota em Curupayty, constante das páginas 231 a 239 da sua obra acima referida (grafia atual).

Tinha-se combinado realizar o ataque no dia 17 (Set 1866), depois de um grande bombardeamento da esquadra; um temporal, porém, muito forte, prolongou-se até a manhã de 21, impossibilitando qualquer operação. Entretanto, a nossa esquadra, desde o dia 10, bombardeava, a longos intervalos, o nosso objectivo: Curupaity. A 21 estavam os paraguaios com suas obras (fortificações) concluídas e fortemente artilhadas. O terreno, muito encharcado das águas da chuva, e, em muitos pontos muitíssimo alagado, concorreu para se adiar de 21 para 22 o ataque. Agora também nada importava a demora e bem felizes seríamos nós se o ataque por ali tivesse sido indefinidamente adiado.

No dia 16, o chefe da comissão de engenheiros e o comandante da artilharia haviam escolhido uma posição para assestarem as baterias. Ali construiu-se um *espaldão* com 9 *canhoneiras*. As forças assaltantes foram divididas em quatro grandes colunas: três brasileiras e uma argentina. Duas brasileiras investiriam pela esquerda e centro de *Curupaity* e a argentina pela direita; aquelas e uma de reserva, sob o comando do General Porto Alegre e a argentina sob o do general em chefe Bartolomeu Mitre. Ia vigorar o plano de investir *Curupaity*, Sauce e Riojas, caso visse o general Polydoro Jordão probabilidades de conseguir bom êxito, ou fosse prevenido de que deveria atacar estes dois últimos pontos, enquanto Flores ameaçaria o flanco esquerdo do sistema geral das fortificações inimigas então completamente *no ar*, isto é, aberto, sem apoio sério, penetrando até onde fosse possível, para o que cumpria-lhe marchar de *Tuyuty* e manobrar de modo a apresentar-se em *Tuyu-Cué*.

Às 7 horas da manhã do dia 22 a esquadra rompe terrível fogo contra *Curupaity*. O inimigo responde com vigor, mas pouco depois prefere convergi-lo para as colunas de ataque que se começam a mover do acampamento para as posições que lhes foram assinaladas. Os estampidos dos canhões de

grosso calibre dos nossos vasos de guerra e os dos que defendem as posições inimigas vibram a atmosfera com tão pouco intervalo, como se milhares de nuvens se chocassem constantemente, produzindo hórrido e incessante trovão! Esse trovejar vai aumentar porque para o *espaldaão* marcha o corpo de artilharia a cavalo, apenas com oito peças raiadas de calibre quatro, e quatro estativas de foguetes de guerra. Ao lado deste corpo segue o 4º batalhão de artilharia a pé com dois canhões obuses de montanha, tudo sob as ordens do bravo comandante Lobo d'Eça.

As colunas de ataque, ao verem desfilar esses bravos que vão ferir com os canhões inimigos um duelo de morte, irrompem em vivas e aclamações entusiásticas aos artilheiros. Messe preciosa ia fazer a morte naquelas colunas: os vivas e aclamações entusiásticas eram o sorriso fraternal, o último aperto de mão daqueles que não sabem se cairão no turbilhão do fogo da batalha; mas, compreendem satisfeitos a extensão dos sacrifícios que devem à Pátria.

As fortificações de *Curupaity* compunham-se de duas linhas de entrincheiramentos. A primeira, a mais avançada, era formada de um *parapeito* com um *fosso* de 2,62 m de largo, e 2,2 m de profundidade; nessa linha havia 28 canhões de campanha. A segunda linha, em terreno mais elevado do que a primeira, compunha-se de altos *parapeitos* com um *fosso* de 5,94 m de largura e 3,96 m de profundidade, tendo na frente imenso e profundo banhado, e linhas de *abatisses* nas proximidades da *contra-escarpa*. Quarenta canhões de grosso calibre estavam no segundo entrincheiramento que, pela diferença de nível, podiam jogar por cima do primeiro. Ao todo, sessenta e oito canhões estavam apontados para o exercito; do lado do rio, trinta atiravam sobre os nossos vasos de guerra. Contra entrincheiramentos tão formidavelmente artilhados ia bater-se a nossa pequena bateria de campanha!

Foi difícil chegar ao *espaldaão* em que a devíamos assestar, porque, conquanto o assalto não tivesse começado, o caminho que percorríamos já estava juncado de feridos e mortos. Tão mortífero era o bombardeamento do inimigo! Vencida a dificuldade do trajeto, a nossa bateria, com indescritível entusiasmo, rompe o fogo contra os canhões da primeira trincheira. A alma rude e selvagem do inimigo parece comover-se ante o heroísmo dos nossos bravos artilheiros: o fogo da trincheira cessa. O nosso recrudescer e cada granada que silva nos ares vai detonar na bateria inimiga, desafiando-a e arrancando-a da espécie de torpor em que a temeridade dos nossos bravos a lançara.

Então trava-se violento combate; da segunda e primeira trincheiras chovem projetis sobre a pequena bateria. O *espaldaão* é arrasado e combatemos, cobertos de sangue, à peito descoberto. Oficiais e soldados de artilharia caem mortos ou feridos. Os batalhões de infantaria, que nos protegem, sofrem horrivelmente; atrás da nossa bateria está um montão de cadáveres! Nada arrefece o furor dos nossos artilheiros, e hora e meia depois de um duelo cruel, a artilharia inimiga abandona a primeira trincheira com as suas guarnições dizimadas! Os nossos artilheiros haviam cumprido temerária e admiravelmente o seu dever, obrigando uma bateria muito superior em canhões a retirar-se. Era-lhes, porém, impossível com tão reduzido numero de bocas de fogo, e de tão pequeno calibre, emudecer a terrível bateria da segunda trincheira. No entanto, o duelo continua travado com ela, até que pouco depois de meio dia aparece ordem de cessar o fogo, que rompera às 8 horas da manhã. Ia começar o assalto.

As colunas movem-se rapidamente de suas posições e avançam, formando força superior a 46.000 combatentes. A direita inimiga vai ser atacada por 40 batalhões de infantaria sob o comando do coronel Francisco Caldas (voluntário da pátria); o centro por três brigadas da mesma arma, sob o comando do general Albino de Carvalho; e a esquerda por um corpo de exercito argentino sob o comando do General em chefe Bartolomeu Mitre e Paunero.

Porto Alegre, commandante das forças brasileiras, conserva uma reserva para as emergências possíveis, e apenas começa o movimento, o heróico general, seguido de um brilhante estado-maior, onde vê-se o cirurgião Paraiso, o Larrey brasileiro, na virtude, na ciência e no valor, galopa ao longo das mesmas colunas, animando-as com as suas palavras e a sua figura homérica. O fogo da esquadra cessa; só o do inimigo continua.

Uma linha de atiradores começa a hostilizar outra que o inimigo apresenta, e enquanto isto sucede, as colunas vão-se estendendo em linha de batalha. Porto Alegre percorre-a, elevando vivas ao imperador, à nação brasileira e aos aliados, e depois de tudo disposto, manda retirar todos os atiradores. Então ouve-se o clarim dar o sinal de *avançar*. Um alarido medonho e espantoso parte do inimigo; os nossos soldados respondem com o rugido do leão. As colunas avançam a passo acelerado, e então 58 canhões paragaios vomitam sobre elas uma saraiva de granadas. Quando isto sucede, o almirante ordena que os couraçados *Bahia* e *Lima Barros* se aproximem da bateria inimiga para metra-

lhá-la, secundados pelo *Brasil, Barroso e Tamandaré*, e varias canhoneiras, o que se realiza, mas com pouca eficácia, porque a barranca onde está ela construída é muito alta, e o rio estreito. Estes três últimos couraçados, *Brasil, Barroso e Tamandaré* rompem, pouco depois, a estacada, que o inimigo colocara de uma margem para a outra e assim procuram metralhar de mais perto a bateria paraguaia. No entanto, os assaltantes que avançam sempre, apesar do fogo abrir profundos claros em suas fileiras, estão ao alcance da metralha. A canhonada e a fuzilaria inimigas tomam então imensas proporções. Troveja o canhão sem cessar e os nossos soldados caem às dezenas sobre o campo de batalha; mas, os que sobrevivem avançam, avançam sempre e tomam a primeira trincheira.

Debaixo de mortífero fogo as colunas se organizam de novo e investem a segunda trincheira, conduzidas pelo próprio Porto Alegre, cujo valor e coragem eletrizam os assaltantes. Cinquenta bravos ali pela nossa esquerda, todos brasileiros, conseguem penetrar na formidável posição e apoderar-se de quatro canhões; encontram morte gloriosa ao lado de suas presas.

A coluna do centro depara com um banhado profundo; atira-se a ele para vadeá-lo e para ali converge o inimigo grande parte de seus canhões. Alguns minutos depois centenaes de destroços humanos flutuam nas águas do banhado, que enrubescem. É impossível vadeá-lo. Os que escapam ilesos ladeiam para a nossa esquerda a reunir-se à coluna que por ali ataca e que nessa ocasião avança por uma picada. O inimigo fulmina essa coluna.

Na nossa direita os argentinos não podem avançar porque encontram obstáculos insuperáveis e, como as nossas fileiras, as suas se acham dizimadas pela metralha. As reservas avançam e nelas lá segue a cavalaria rio-grandense, sob o commando do bravo Lucas de Lima; mas está a pé, o que não obsta a que os valentes clavineiros pratiquem prodígios de valor.

No ponto mais renhido da peleja está o ilustre e intrépido Porto Alegre, que anima os seus bravos comandados. A bateria de artilharia a cavalo marcha e, tomando posição na primeira trincheira do inimigo, joga metralha contra a segunda. O fogo é terrivelmente mortífero; os nossos batalhões, não obstante, não desanimam. Dezenas de vezes investem a trincheira e outras tantas são repelidos. Por toda a parte o campo está juncado de mortos e feridos. As tentativas para escalar aquela formidável posição vão-nos custando centenaes de vidas. Chega um ajudante de campo do general em chefe e por ordem deste declara a Porto Alegre que é preciso retirar. O general brasileiro, que previra o desastre, porque vira que o inimigo havia transformado *Curupaity*, nos 19 dias de inação, em uma posição impossível de assaltar-se com bom êxito, recebe o ajudante com péssimo humor. No entanto era preciso retirar-se com as relíquias do 2º corpo de exército daquelas paragens de morte e extermínio; Mitre já havia executado esse movimento e recolhera-se a *Curuzú*.

Começa, pois, a retirada; são 4 horas da tarde. E essa operação militar tão grave, fazemo-la admiravelmente. O protótipo do valor cavalheiresco, o intrépido Porto Alegre, volta à testa dos bravos que não sucumbiram, com bandeiras e estandartes desfraldados, rasgados pela metralha, mas cobertos de glória ainda na derrota!

O inimigo, impressionado pelo heroísmo desenvolvido no assalto, contempla então, mudo, silencioso por algum tempo, de seus entrincheiramentos, os heróicos defensores da causa da civilização. Como já dissemos, as posições inimigas deviam ser atacadas pelo Sauce e Riojas, previamente avisado para isso o general Jordão, se antes não viesse oportunidade, enquanto Flores ameaçasse por *Tuyu-Cué*. Entretanto o general Polydoro Jordão não atacara, nem Flores aparecera nesse ponto onde apenas um troço pequeno de sua cavalaria mostrou-se rapidamente. Diziam uns que havia-se convencido fazer um sinal de um navio estacionado na lagoa Pires para indicar ao general Jordão a ocasião em que devia investir *Sauce e Riojas*, e que semelhante sinal não se fizera; outros que tal signal fora feito, mas não visto pelo quartel-general do 1º corpo de exercito. Com efeito havia essa combinação de sinais; mas, o único feito pela esquadra foi o primeiro convencido, que significava: a *esquadra principiou o ataque de Curupaity*. Estes sinais deveriam ser feitos da esquadra para o patacho de guerra *Iguassú*, ancorado na Lagoa Pires e daí para o *mangrullo* ou observatório do general Jordão, no potreiro Pires.

Perante a historia, nenhum valor tem semelhante questão, porque o ataque de Sauce e Riojas tornaria a hecatombe humana ainda maior; o desastre duplamente sensível. Se Sauce e Riojas não puderam ser tomadas nos dias 16 e 18 de Julho, como poderiam se-lo dois meses depois, quando mais artilhadas e defendidas com todos os recursos que a arte da guerra possui? *Curupaity*, Sauce e Riojas estão próximos, e uma reserva de 16.600 homens tinha o marechal Lopez, alem da força que defendia

estas posições, para acudir a qualquer ponto por onde os aliados penetrassem. O que é incontestável é que a demora injustificável do general em chefe Bartolomeu Mitre em atacar *Curupaity* foi a causa do nosso revés.

Porto Alegre previra-o e comunicara ao ministro da guerra seus receios. O intrépido general, como os fatos provaram, julgava passada a ocasião desse empreendimento. O ataque sério deveria ser por *Tuyu-Cué*, esquerda inimiga, então completamente aberta; por essa razão o ditador Lopez, como mais tarde foi publico e notório, dissera que a manobra do general Flores lhe inspirara sérios receios; mas, vendo depois esse general dirigir-se para *S. Solano*, tranquilizara-se; quanto ao assalto de *Curupaity*, desejava ardentemente que se realizasse, pois era certa a derrota dos aliados.

Não se deve atacar de frente as posições que se podem tomar flanqueando-as.

A preterição desse princípio foi a causa do espantoso revés. “*A honra da bandeira brasileira ficou ileso*”, como bem disse o general brasileiro. Com efeito, atos de valor, de abnegação, de temeridade, e heróica coragem foram praticados pelos nossos oficiais e soldados, e seria longo enumerá-los.

Camerino, voluntário da pátria, sergipano, poeta, no começo da ação é gravemente ferido; conduzem-no para o hospital de sangue e ali os cirurgiões reconhecem a necessidade de amputar-lhe os dois braços. Principiam essa operação; Camerino, pela perda de sangue, está palido, mas risonho; não quiz cloroformio. A operação caminha e também a morte; Camerino sorri sempre, recitando poesias heróicas; mas, a sua palidez cresce. De repente, fita os olhos sobre os montes de pernas e braços humanos que estão por ali espalhados; depois, olha para o céu com a expressão das estátuas tumulares: está em um êxtasis... mas êxtasis da morte. Os seus lábios abrem-se e o herói, concentrando neles os últimos alentos da vida, recita as, estrofes seguintes do poema *Dom Jayme*:

*Até porque meu Jayme
a guerra amortalha as dores
de inexequíveis amores;
e ou morre o homem na lida,
feliz, coberto de glória;
ou surge o homem com vida
mostrando em cada ferida
o hino de uma vitória !*

E Camerino expira.

Resumindo, diremos que se um campo de batalha fosse um teatro destinado à ostentação de estóico heroísmo; se a vitória se aferisse pelo maior ou menor desenvolvimento de energia, coragem e abnegação; a historia militar registraria o assalto às linhas de *Curupaity* como um dos mais esplendidos triunfos militares. Mas não sucede assim. Os campos de batalha modernos só se conquistam por luminosas combinações da inteligencia, contra as quais os ímpetos do valor mais esforçado, a mais patriótica abnegação, são frágeis e infrutíferos recursos.

Curupaity foi para nós terrível desastre!

Os exércitos brasileiro e argentino investiram galhardamente as posições inimigas, defendidas por imensos e profundos *fossos*, florestas de *abatizes*, banhados e outros obstáculos naturais; ostentaram estóico heroísmo, incrível coragem e energia, virtudes dos bravos; mas, a inteligência que deveria ter regulado, combinado, e revisto tudo, para evitar sacrifícios inúteis, não correspondeu desgraçadamente às forças da alma dos soldados aliados. Tal foi, ligeiramente descrito, o famoso ataque de *Curupaity*. Sangrenta; mas heróica, gloriosa catástrofe!

As descrições da batalha de 24 de Maio, dos combates de Curuzú, *Curupaity*, 16 e 18 de Julho e de alguns outros não são inéditas. Em varias épocas elas foram publicadas na imprensa do Rio de Janeiro, do Rio da Prata e de Lisboa; aqui, porem, elas aparecem um pouco mais ampliadas.

Dito isso, prossigamos.

Depois dessa espantosa carnificina, retirou-se o general Bartolomeu Mitre com os fragmentos de seu exército para o Campo de Tuyuty, magoado com o almirante brasileiro por não ter querido que os seus colegas generais representassem o papel de súditos de sua ilustre pessoa, não aceitando até os navios que o almirante pôs à sua disposição. Começaram, então, recriminações entre os chefes dirigentes; cresciam as desinteligencias, e cada qual procurava lançar sobre o outro a responsabilidade do desastre. No Rio da Prata, os turibulários (aduladores), os eternos incensadores do general em

chefe não esqueceram, ainda desta vez, o bravo, brioso e patriótico Tamandaré. Sobre ele lançavam principalmente a culpa, alegando não ter sido o combate precedido alguns dias de vigoroso bombardeamento às posições de Curupaity e só se ter feito isso algumas horas antes do assalto.

Outras acusações, filhas da consternação e do luto que tais catástrofes produzem, mas que não são por isso justas, cifravam-se em não se haver colocado no Chaco uma bateria para se bater de flanco a posição de Curupaity.

A não se ter reforçado o 2º corpo de exército quando ele demandou Curuzú para se investir logo Curupaity e ali poder conservar-se; não se tendo feito isso também logo depois da tomada daquela posição, até o dia 9, no máximo, gastando-se, pelo contrário o tempo em conferências; nenhuma outra operação teria executado um general hábil, a não ser um decidido e vigoroso ataque pela esquerda do inimigo, então sem defesa séria, como já dissemos. O que se recejava para não se levar isso a effeito? Um ataque à nossa base de operações em Tuyuty e Paso de la Pátria?

Seria para o exército aliado uma imensa felicidade, porque as forças inimigas, fora de suas trincheiras, seriam derrotadas e essas forças não poderiam ser numerosas, porque o marechal Lopez teria que ir com fortes contingentes conjurar o cataclismo que lhe ia cair em um flanco, ainda bem fraco e, assim, embora Tuyuty ficasse desfalcado de tropas com a marcha das que tivessem de operar nessa bela empresa estratégica, de brilhantes consequências, em todo caso, ficaria numero suficiente para enfrentar com o inimigo que ali se apresentasse. Não se fez isso e só se realizava o que era justamente mais difícil, mais condenado.

Flanqueáveis como eram as posições do Sauce e Riojas, o ataque de Curupaity não deveria ter lugar quando mesmo o efetivo do exercito aliado fosse maior do que era realmente, uma vez que se deixou o inimigo levar as suas obras de defesa até onde quis. Alegar que não se conhecia para uma operação de flanco o terreno como se alegava e, ainda hoje se diz, é uma razão inadmissível, inaceitavel, porque era o primeiro dever do general em chefe ter logo e logo, sem perda de tempo, mandado proceder a reconhecimentos por oficiais hábeis e mesmo com eles marchar em pessoa, para ter ciência exata do que era isso que se estendia à sua direita.

Frederico o Grande, rei; Bonaparte, já imperador; todos os cabos de guerra, desde tempos os mais remotos; enfim, as mais altas intelectualidades militares, até os chefes mais medíocres, procuravam e procuram *viver às claras* a tal respeito, fazendo até pessoalmente tais reconhecimentos.

Passar meses e meses na barraca ou a trotar pelos acampamentos, vivendo em absoluta ignorância do terreno inimigo que se estende por qualquer lado do campo, é realmente o cúmulo da indiferença!

Durante o comando em chefe do general Mitre estávamos infelizmente condenados a ver o inimigo imprudentemente, sem a menor precaução, levantar trincheiras, assestar atrás delas as suas baterias e só então, da direção suprema da guerra, partia o toque de: *Avançar!*

Se não fossemos testemunhas oculares de tão singular proceder, nos pareceria tudo isso uma fantasia. Estas considerações não são feitas depois de longos anos; depois dos fatos consumados. *Annis post multis*. Não; não são.

Oficiais superiores do exército brasileiro externaram naquele tempo, em substancia, as mesmas ponderações; mas, infelizmente não exerciam os grandes comandos e se os seus planos chegavam ao conhecimento do quartel-general em chefe, sem que previamente se fizesse um estado sério deles, eram condenados por aquela congregação, como *heterodoxos*, e assim iam para o *Index*.

Enfim, a posição de Curupaity, que poderia ser tomada ainda a 9 de setembro por uma coluna de 20.000 homens que ali se sustentaria e repeleria um ataque de todas as forças do marechal Lopez, quando mesmo não se fizesse nenhuma demonstração pela nossa direita, esquerda do inimigo; só o poderia ser a 22 daquele mês por um exército de 60.000 homens, atacando-se ainda energicamente por Tuyuty. Esse desastre, segundo computou-se oficialmente, custou aos aliados 4.318 homens fora de combate; sendo o tributo dos argentinos de 2.082, destes 30 oficiais e 557 soldados mortos; o nosso 2.266, sendo mortos 48 oficiais e 364 soldados. Os feridos argentinos foram, pois, em número de 1.495, incluídos 132 oficiais; os nossos 1.854, dos quaes 153 eram oficiais. Infelizmente, o número dos mortos excedeu em poucos dias ao cômputo oficial feito logo depois da ação.

Inauguração de quadro (pintura) na Argentina

Em agosto, o nosso acadêmico Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarribia, participou da inauguração de um quadro seu sobre a Batalha de San Lorenzo em Buenos Aires. Presentes, além das autoridades argentinas, o Gen Edson Leal Pujol, Comandante Militar do Sul, acadêmico emérito da FAHIMTB.

O contexto da batalha foi o das lutas pela independência da Argentina. A batalha foi em 03 Fev 1813, nas proximidades do Convento de San Carlos de Borromeo, atual localidade de San Lorenzo, Província de Santa Fé, na qual tropas independentistas venceram as tropas espanholas. O patrono do Exército Argentino e pai da pátria argentina, General Jose de San Martín, participou da batalha como comandante e está presente na pintura do Cel Estigarribia.

Abaixo, aspecto da cerimônia com o quadro ao fundo vendo-se, da esquerda para a direita, o Adido do Exército na Argentina, Cel Mendes, a sua esposa, o Cmt do Exército Argentino Major-General Suñe, o Cel Estigarribia, a sua senhora Dona Ione e o Gen Pujol.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS

lecaminha@gmail.com

Acesse os nossos sites:

www.ahimtb.org.br

e

www.acadhistoria.com.br